



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

ISSN 1645-9369

NIGP

Núcleo de Investigação em
Geografia e Planeamento

GEO-Working Papers

“O evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional”

*Texto em memória dos 150 anos do nascimento de
Sir Patrick Geddes (1854-1932)*

João Sarmento

SÉRIE EDUCAÇÃO 2004/2

NIGP – Universidade do Minho. Campus de Azurém – 4810 Guimarães

Tel.: 351-253 510 560 — Fax: 351-253 510 569

geowp@geografia.uminho.pt

**“O Evolucionismo Cultural e o Planeamento
Urbano e Regional**

Texto em memória dos 150 anos do nascimento de
Sir Patrick Geddes (1854-1932)”

João Sarmento

SÉRIE EDUCAÇÃO 2004/2

“Geo-Working papers”

Os **“Geo-Working papers”**, editados pelo Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, são uma publicação científica periódica esporádica com duas séries: Série Investigação e Série Educação. A primeira Série está vocacionada para publicações científicas dos investigadores do NIGP e dos professores visitantes do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. A segunda Série destina-se a publicações com um carácter predominantemente pedagógico, orientadas para o apoio às actividades lectivas do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. Os **“Geo-Working papers”** têm uma edição limitada em papel, sendo publicados em edição electrónica, de acesso livre, no site do NIGP.

Ficha Técnica

Título: **Geo-Working papers**

Propriedade e Edição: Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Editores: João Sarmento e António Vieira

ISSN: 1645-9369

Número de exemplares: 50

Publicação on-line: www.geografia.uminho.pt/wp.htm

O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional

Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes
(1854-1932)

João Sarmento¹

Resumo:

O principal objectivo deste artigo é o de assinalar os 150 anos do nascimento do biólogo escocês Patrick Geddes, debruçando-se na sua vida e obra, que em muito se cruzam com os caminhos da história da geografia como disciplina científica, e em particular com o desenvolvimento e evolução do planeamento urbano e regional. Primeiramente são abordadas as influências científicas que recebeu, seguidas da discussão de alguns dos mais importantes contributos científicos que deixou, como sejam a Outlook Tower como observatório científico e Museu-Índice do mundo, os conceitos de Cidade-Região, de Secção de Vale e de Conurbação. Por fim são brevemente analisadas as influências que deixou em diversas pessoas, nomeadamente Mumford, Herbertson, Fleure e Abercrombie.

Palavras-chave: Patrick Geddes, Evolucionismo Cultural, Planeamento Urbano e Regional

Abstract:

The principal aim of this paper is to commemorate the 150th anniversary of the Scottish biologist Patrick Geddes, by approaching his life and works, which in many ways cross the paths of the history of geography as a scientific discipline, and in particular those of the development and evolution of urban and regional planning. Firstly I investigate the scientific influences which Geddes has received, followed by a discussion of some of the most important scientific contributions he has given, such as the Outlook Tower as a scientific observatory and Museum-Index of the World, the concepts of City-Region, Valley Section and Conurbation. Finally I briefly analyse the influences which Geddes has produced in various people, namely Mumford, Herbertson, Fleure and Abercrombie.

Keywords: Patrick Geddes, Cultural Evolutionism, Urban and Regional Planning

¹ Professor Auxiliar no Departamento de Geografia da Universidade do Minho, e Investigador do Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento da Universidade do Minho, Campus de Azurém, 4810 Guimarães. Tel. 351-253-510561; Fax. 351-253-510569; j.sarmento@geografia.uminho.pt

Figura 1 Patrick Geddes em 1892



Introdução

Em 1853, Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), sob a égide do Imperador Napoleão III, iniciou a reconstrução da cidade de Paris, dissecando *boulevards* no cerne dos quarteirões históricos. Seis anos mais tarde, Ildefonso Cerdà (1815-1876), apresentou o seu *eixample* para o desenvolvimento de Barcelona. Nesse mesmo ano, em Viena, iniciava-se a implementação do *Ringstraße*, desenhado por Ludwig Förster (1797-1863). A destruição criativa em Paris, a criação de uma nova cidade no Renascimento Catalão, e a celebração da riqueza e auto-confiança através da incorporação de instituições cívicas e culturais e residências palacianas para a burguesia em Viena, ilustram três formas de abordar o desenvolvimento das cidades no final do século XIX, que se inserem numa tradição monumental, que remonta pelo menos a Vitruvius.

Patrick Geddes concebia as cidades de forma distinta. Para este biólogo escocês, as cidades eram seres vivos que assumiam uma dimensão semelhante à humana. Tinham vida própria, e eram elas as formas mais

nobres de vida humana a que as sociedades deveriam aspirar, o estado evolucionário mais avançado de vida, relacionado com práticas e organizações comunais e cooperativas. Na transformação das cidades, a reconciliação entre a ciência, a moral e a estética era o seu objectivo. Geddes não escreveu nenhuma *opus magnum* como a obra *Town Planning in Practice* de Raymond Unwin (1863-1940). Provavelmente, não sentiu a necessidade de resumir a sua teoria da cidade numa metanarrativa de um manual de planeamento. Paradoxalmente, este facto é responsável pela existência de um grande interesse pela sua obra, dispersa por publicações relativamente obscuras, implementada em projectos de planeamento, que só encontra paralelo, dentro dos teóricos modernos do planeamento urbano, nas obras de Camillo Sitte (1843-1903) e Ebenezer Howard (1850-1928).

Este breve artigo pretende assinalar algumas das ideias deste notável biólogo, sociólogo, geógrafo e planeador escocês, com fortes interesses na teoria da educação e do conhecimento, na arte e na história, e em particular, apontar as direcções nas quais existe uma clara transferência de conhecimento da Biologia, disciplina na qual Geddes recebeu educação académica e o planeamento urbano e regional, o qual pode ser visto através do seu conjunto de obras e percurso de vida profissional.

Breve biografia

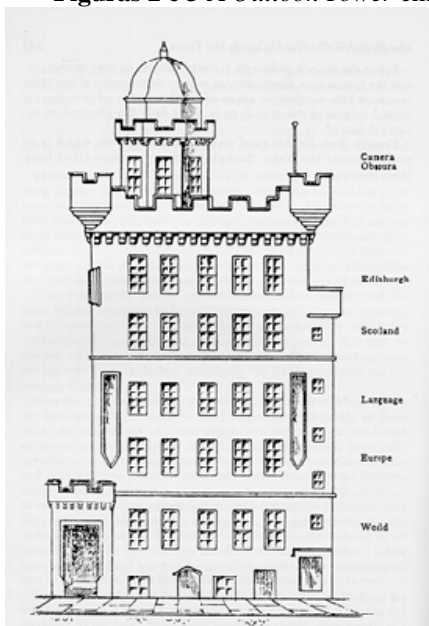
Patrick Geddes nasceu em Ballater, no West Aberdeenshire, na Escócia, em 2 de Outubro de 1854, há precisamente 150 anos, tendo falecido em Montpellier, França, em 1932. Tornou-se conhecido, especialmente no mundo anglo-saxónico, como o “pai do planeamento urbano” (*town planning*), um dos precursores do planeamento regional, o “inventor” da “cirurgia conservadora” e o criador dos termos “cidade mundial” e “conurbação”. Trabalhou nos campos da biologia, botânica e sociologia, tendo mesmo fundado o “primeiro laboratório sociológico e geográfico do mundo”, a sua torre de observação em Lawnmarket, Edimburgo – *Outlook Tower* (Figs. 2 e 3)

A família Geddes mudou-se para Mount Tabor, em Perthshire, quando Patrick Geddes tinha 3 anos de idade. Aí iniciou os seus estudos, na Academia de Perth. Com 17 anos começou a estudar Biologia na Universidade de Edimburgo, tendo desistido após uma semana. Para ele, o fascínio pela Biologia e pelos seres vivos não se coadunava com o estudo e dissecação de animais mortos e de plantas. Estudou com Thomas Huxley (1825-1895) no *Royal College of Mines* em Londres, entre 1874 e 1878. De 1880 a 1888 foi assistente de biologia e professor de zoologia na

universidade de Edimburgo, tendo estado em contacto com Ernst Haeckel (1834-1919), o biólogo Alemão da Universidade de Iena, que apoiou a teoria da evolução de Darwin, fundando a Ecologia.

Entre 1888 e 1919 foi catedrático de botânica na universidade de Dundee, ensinando apenas no período de Verão. Durante estes anos, Geddes viajou bastante pelos Estados Unidos, ensinando em várias universidades, ao mesmo tempo que publicava na área dos estudos e planeamento urbanos. Em 1919, foi nomeado catedrático de Sociologia na universidade de Bombaim, posição que manteve até 1924. Nesse mesmo ano foi convidado a desenhar uma nova universidade hebraica em Jerusalém, tendo viajado para a Palestina em 1924, para a sua inauguração. Em 1932 foi elevado a cavaleiro pela rainha de Inglaterra, tendo falecido nesse mesmo ano em Montpellier.

Figuras 2 e 3 A *Outlook Tower* em Edimburgo (Diagrama e Panfleto)



Fonte: Geddes (1915)



Fonte: s.a. (1906)

As influências francesas

Patrick Geddes teve o seu primeiro contacto com França em 1878, quando Huxley organizou um período de estudo na estação de biologia

marinha de Roscoff, na Bretanha. Mais tarde mudou-se para Paris, onde continuou os seus estudos na Sorbonne, entre outras instituições. Como é natural, Geddes ficou absolutamente fascinado com Paris no final de século. Existia um forte interesse científico e comercial pela geografia, num contexto marcado por visões de conquistas territoriais, e neste âmbito, a Exposição Mundial de 1878 foi crucial para a construção das imaginações geográficas de Geddes.

Uma das grandes descobertas de Geddes foi a teoria social de Pierre-Guillaume Frédéric Le Play (1806-1882), engenheiro que compilou e publicou descrições e narrativas dos lugares que visitava, teoria essa que se centrava em torno da tríade *Lieu, travail e famille*. Encontrou pela primeira vez estas ideias em 1879, tornando-se assim familiar com os efeitos dos factores ambientais e geográficos nas estruturas sociais existentes. A relação Lugar-Trabalho-Família, com uma tonalidade determinística ambiental marcada, foi seguida por Geddes no uso das suas observações, análises e levantamentos do território – aquilo a que ele se referia como *surveys*, se bem que de um ponto de vista dialéctico na relação entre pessoas e ambiente.

Após a cisão da Sociedade de Sociologia, da qual Geddes foi co-fundador em 1903, foi fundada, em 1930, a Sociedade Le Play, cujo primeiro presidente foi Patrick Geddes (Matless, 1992), e cujo principal objectivo era o de defender a causa dos estudos de campo². Outros continuaram o Instituto de Sociologia. Esta sociedade, preocupada com a questão do trabalho de campo, publicou vários textos sobre metodologias de *surveys*, e realizou diversas saídas de campo aplicando a fórmula *place-work-folk*. Um destes textos³, publicado em 1939 pela Sociedade Le Play, destacava na capa: “Get to know your own Place and Work and Folk”. Nesta publicação, Geddes foi autor de três motos principais: “Every Village, Town or City is not merely a Place in Space, but a Drama in Time”⁴, “All time has gone over all Places”⁵ e “Every Place is at the centre of the world”⁶. A ideia destes textos era a de promover uma série de procedimentos e técnicas e levantar um conjunto de questões que deveria ser seguido de forma a obter um conhecimento razoável de uma localidade (Matless, 1992). Para Geddes o planeamento devia começar com um

² A Sociedade Le Play extinguiu-se em 1960, tendo organizado 71 saídas e pesquisas de campo tipicamente em áreas rurais da Europa continental, onde a fórmula lugar-trabalho-família era mais óbvia. Estas saídas eram orientadas por geógrafos de renome: Fleure, Evans, Edwards, Dickinson e Stamp. A Sociedade publicou vários relatórios destas viagens, estabelecendo importantes convenções de trabalho de campo. Publicou também 8 monografias.

³ *Exploration*, editado por Mabel Barker.

⁴ Cada aldeia, vila ou cidade não é somente um lugar no espaço, mas um drama no tempo.

⁵ O tempo passou em todos os lugares.

⁶ Qualquer lugar está no centro do mundo.

levantamento dos recursos da região natural, seguido pelas respostas humanas a esses mesmos elementos, e finalmente pela análise das complexidades das paisagens culturais resultantes. Para o biólogo Geddes, a *Regional Survey* não era mais do que a realização de um instinto primitivo, sendo que a sua função é tão antiga como a vida animal, pois investigar o que nos rodeia faz parte da técnica de sobrevivência. Os levantamentos vêm preencher uma necessidade ecológica.

Geddes tomou conhecimento do conceito geográfico de região através de Elisée Reclus (1830-1905), e de Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Reclus, influenciado fortemente por Ritter, expulso de França por associar-se à Comuna de Paris em 1871 e encorajado por algumas ideias dos movimentos anarquistas, especialmente através de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), participou, em 1875 e 1894, nas escolas de Verão que Geddes organizava em Edimburgo. O trabalho de Reclus foi decisivo na conceptualização da Secção de Vale, um método de descrever em diagrama o subsolo, o ambiente natural e a vida económica de uma região. Através de Reclus, Geddes conheceu a obra de Vidal, sendo que as monografias regionais de Vidal e dos seus seguidores constituíram bons exemplos das práticas e metodologias para descrever e tentar compreender a geografia humana de regiões específicas.

Da Secção de Vale às Conurbações e às Cidades Mundiais

“If the garden city was English out of America, then the regional city was undoubtedly American out of France via Scotland. Regional Planning began with Patrick Geddes.” (Hall, 1998, p.137)

No século XIX, a experiência urbana em cidades de grande dimensão era ainda pouco conhecida. O Reino Unido foi o primeiro país a registar um forte êxodo rural: em meados do século XIX a população de Londres ultrapassava já os dois milhões de habitantes, sendo que em 1901, 80% da população britânica residia numa das 74 cidades com mais de 50,000 habitantes. Do conflito entre uma visão de cidade como um tumor perigoso mas um lugar dinâmico, e do campo como vítima e mito de paraísos, surgiram várias análises e propostas de solução. Por um lado, o conceito de cidade social ou cidade-jardim de Ebenezer Howard, destacou o movimento na direcção da cidade para o campo, fazendo deste último espaço um recurso à disposição das necessidades da cidade. Por outro lado, Peter Kropotkin (1842-1921), geógrafo e aristocrata russo, conhecido como um dos fundadores do movimento anarquista, sugeriu um retorno a uma combinação auto-suficiente do trabalho agrícola e industrial, tal como existente antes da Revolução Industrial. O que Kropotkin advogou, não foi

um retorno ao passado, pois a fábrica entre os campos ou as aldeias industriais podem usar a mais moderna tecnologia em unidades descentralizadas. A essência deste pensamento reside na socialização dos meios de produção e consumo, na promoção de unidades de pequena escala socialmente auto-suficientes, e na rejeição da centralização política e concentração económica. Esta posição de cooperação e auto-ajuda, quer na evolução orgânica quer nas sociedades camponesas, contrasta claramente com as ideias de Darwinismo Social⁷.

Existe, no entanto, uma outra abordagem, que terá efeitos marcantes na obra de Geddes. Reclus publicou um breve ensaio, em 1895, com o título de “The Evolution of Cities”, onde se defende que a solução para a crise que as cidades e o campo atravessavam passava pela propriedade comunitária da cidade, que deveria girar em torno do centro urbano histórico, com as suas instituições culturais e institucionais. A expansão urbana é vista como um sinal positivo de saúde e evolução normal. Reclus precede Howard em alguns anos, tentando, na sua cidade ideal, aproveitar o melhor do campo e o melhor da cidade. Ao contrário de Howard, no entanto, este processo imbuído de movimentos anárquicos e socialistas e de uma tradição de reforma urbana, destina-se a permitir que a cidade se estenda indefinidamente.

A contribuição mais conhecida de Geddes para resolver o conflito entre a cidade e o campo prende-se com o diagrama *valley section*, publicado em 1909, que não é mais do que uma secção longitudinal que segue um rio desde a sua origem nas montanhas até à sua foz. A região que Geddes abrange com a secção de vale, inclui diversos vales, e estrutura-se em torno de três elementos principais: geografia física, ocupações do solo e tipos de povoamento. Este diagrama e conceptualização foi inspirado no trabalho do biólogo Charles Flahault (1852 - 1935), amigo de Geddes em Montpellier, que destacava que as associações de plantas são hierárquicas mas cooperantes e mutuamente benéficas. Geddes transferiu esta ideia da esfera das plantas para a das sociedades humanas, afastando-se assim da noção do Darwinismo Social, que interpreta a sociedade como uma luta permanente pela existência. A cooperação será assim, no entender de Geddes, a questão mais importante para a evolução de todas as formas de vida. A Secção de Vale constitui um corte arquétipo da pesquisa regional, uma representação generalizada contendo as sete ocupações naturais ou tipos rústicos, enquadrados claramente numa sociedade industrial: Mineiro, Lenhador, Caçador, Agricultor pobre, Agricultor rico, Jardineiro e

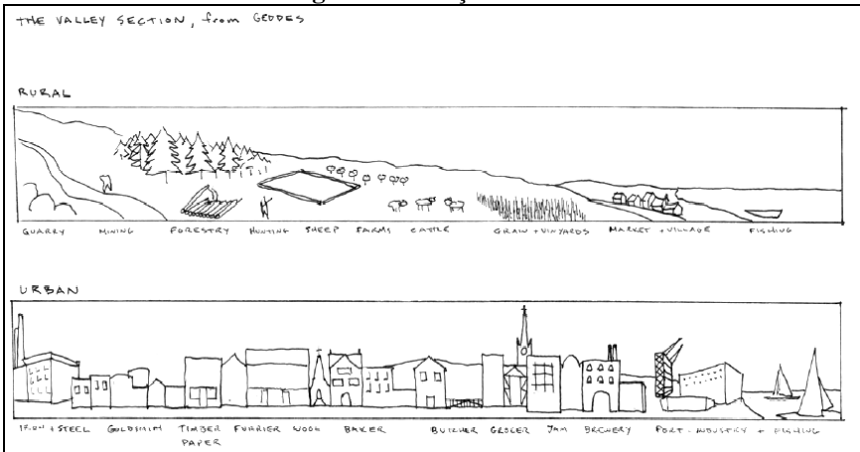
⁷ Ver Kropotkin, P (1885); “What Geography ought to be”; *The Nineteenth Century*; 18; pp.940-956 e *Fields, Factories and Workshops: or Industry Combined with Agriculture and Brain Work with Manual Work* (1913); New, Revised and Enlarged Edition; G. P. Putnam’s Sons; Nova Iorque.

Pescador. A Secção de Vale fornece não só uma Geografia social típica, mas também uma Geografia “anti-social” específica, pois a cada tipo rústico corresponde um inverso “sinistro”: o jogo, o consumo decadente, o roubo, a exploração de recursos, o nomadismo e o banditismo (estes últimos com conotações étnicas particulares). Estes são construídos como formando arquétipos de um Geografia imoral.

A secção de vale posiciona a cidade num lugar de destaque. Esta é muito mais do que um elemento da região, e muito provavelmente foi concebida a partir do modelo de Edimburgo e do seu *hinterland*. Geddes destacou sempre a continuidade que existe entre a cidade e o campo, sendo que a forma como usa o termo cidade refere-se quer a uma região vasta – *region-city* – quer a um centro urbano dentro da sua região – lugar da mais forte concentração do que é principalmente uma forma de vida rural. Uma metrópole como Londres continua a ter e a exibir as suas origens em diversas aldeias. Tal como os geógrafos regionalistas, Geddes nunca chegou a uma ideia bem definida dos limites da região. Para ele, a região de Edimburgo, por exemplo, variava entre a região botânica, e a totalidade da Escócia. Tal como Vidal de La Blache, para Geddes a região era mais do que um objecto de levantamento; deveria ser a base da reconstrução total da vida social e política (Hall, 1998).

Apesar da interdependência das cidades de uma vasta região e do uso dos seus recursos não serem questões novas no início do século XX, a ideia da Secção de Vale como a visualização de uma cidade-região, destacou uma unidade física bem mais abrangente do que aquela descrita pelas fronteiras administrativas da maioria das cidades, e contribuiu fortemente para a introdução da escala região no então emergente conceito de planeamento. No entanto, ao mesmo tempo que Geddes propagandeava as ideias da região e da cidade-região, fazia renovação urbana no centro das cidades e extensões urbanas como jardins de subúrbio, aparentemente sem que essa contradição o perturbasse. Entre 1919 e 1925, enquanto trabalhou para a Comissão Sionista, Geddes referia-se à região da Palestina, ao mesmo tempo que os seus projectos se concentravam nas áreas urbanas de Jerusalém, Haifa, Tel Aviv, entre outras (Welter, 2001).

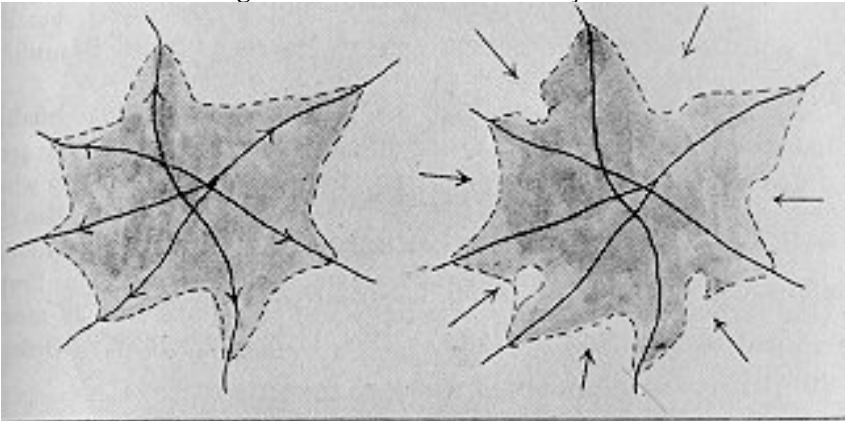
Figura 4 A Secção de Vale



Fonte: Geddes, 1909

Geddes referiu-se também, de forma inovadora, à existência de grupos de cidades, antecipando as problemáticas das fronteiras difusas entre o urbano e o rural nas análises que fazia de Edimburgo e Glasgow, preocupando-se com a transformação da “tradição geográfica de cidade e campo na qual fomos educados” (Geddes, 1915, p.34). Geddes demonstrou que nas regiões onde ocorria uma forte concentração urbana (West Midlands, Lancashire ou no Ruhr), o crescimento suburbano provocava uma coalescência das cidades em aglomerações urbanas gigantescas. Baptizou estes grupos de cidades de conurbações, que seriam áreas geográficas extensas, caracterizadas por uma rede de povoamentos, desde aldeias, vilas, cidades e cidades-região. A concepção que Geddes fez das conurbações foi bastante influenciada pelas ideias de Reclus sobre a cidade sempre em expansão. Ambas nascem do campo e tentam retornar a ele (Fig.5). No entanto, enquanto que as conurbações são policêntricas, a cidade-região tem um centro urbano claro, que se desenvolve radialmente para o seu *hinterland*. O resultado deste desenvolvimento foi a preocupação que Geddes teve em pensar o planeamento à escala da região – *town and country* ou *regional* – e não à escala da cidade, tal como Howard.

Figura 5 O Processo de Conurbação



Fonte: Geddes (1915)

Geddes defendia que deveria existir uma confederação de cidades mundiais, de forma a promover-se a paz e a cooperação, objectivos que os estados-nação nunca tinham atingido. Para Geddes, uma cidade-mundial seria uma super-metrópole, o culminar da civilização Europeia e Mundial (Welter, 2002). Existiria uma liga de cidades-mundiais, composta de cidades-região e conurbações. O que começou como a secção de vale a nível local e regional, uma unidade ideal à semelhança das ideias e formas ideais da República de Platão, transformar-se-ia pois numa visão à escala mundial, o que revela uma preocupação com as ligações entre a escala regional e global.

A observação e a construção da cidadania

Geddes criticou o cidadão comum, por este ter esquecido e mesmo negligenciado a história da sua própria cidade. A sua ideia de cidadania, destacava uma tomada de consciência e participação que não deixava lugar a cidadãos como meros espectadores do “drama no tempo e no espaço”. Como consequência, criou duas formas de ultrapassar esta questão: a torre de observação e a pesquisa regional e histórica (*Regional and Historical Survey*). Em 1892, adquiriu um edifício de seis andares em Edimburgo e desenvolveu-o como observatório público, com a finalidade de servir aqueles que desenhavam e projectavam a cidade e com o objectivo de criar um museu cívico. Para ele, a *Outlook Tower* de Edimburgo seria um protótipo dos museus municipais que deveriam ser construídos em todas as cidades –

“Index Museum to the World”. O material exposto na torre organizava-se numa sequência ascendente, que permitia ao visitante ir da escala local para a regional e desta para a nacional, chegando mesmo à global. “O rés-do-chão era dedicado às civilizações orientais e ao estudo geral do homem” (Geddes, 1915, p.325). Subindo os pisos na Torre encontrava-se a Europa (segundo piso), o mundo anglo-saxónico (terceiro piso), e a Escócia (quarto piso) e Edimburgo (quinto piso). No último piso encontrava-se uma Camara Obscura, que atraía turistas desde o século XIX, e que Geddes decidiu manter.

A *Camara Obscura* era para Geddes uma tecnologia que permitia uma forma específica de ver, que é potencialmente voyeurística, que introduz um certo poder sobre o objecto observado que deriva quer da natureza da imagem, quer do lugar de observação na cúpula da Torre. Em torno da Camara Obscura ficava uma galeria panorâmica, que permitia uma visão única sobre Edimburgo. Enquanto que a Câmara constituía uma forma particular de visão, a galeria expressava o apelo que Geddes fazia por uma visão sinóptica, persistindo na relevância “de ver a nossa cidade com os nossos próprios olhos (...) que a nossa vista seja verdadeiramente sinóptica (...) Vistas abrangentes no abstracto (...) dependem de vistas abrangentes no concreto” (Geddes, 1915, pp.13-14). A *Outlook Tower* expressava materialmente toda a filosofia de Geddes.

As razões que estão por detrás do interesse de Geddes por uma torre de observação prendem-se com a insatisfação sentida pelas tentativas existentes de criação de padrões académicos elevados em determinadas disciplinas. O investigador independente necessitava de uma visão alargada, que a sua especialização tendia a afunilar. Neste sentido, Geddes foi tremendamente influenciado por Reclus, que em 1895 iniciou uma campanha para a construção de um globo gigante para ser exibido na Exposição Mundial de Paris em 1900. O propósito de Reclus era a construção de um objecto científico, que poderia ser constantemente actualizado com novos conhecimentos resultantes das explorações geográficas. Mas ao mesmo tempo, Reclus queria contribuir para o significado do conceito de cidadania mundial, esbatendo a divisão política dos Estados-nação e sublinhando uma mensagem emocional que destacasse a igualdade dos seres humanos independentemente da sua raça ou religião. Geddes, em parte devido às dúvidas sobre o futuro desenvolvimento da *Outlook Tower*, em parte pela grande admiração por Reclus, abraçou totalmente o projecto do Globo.

A Exposição das Cidades e do Planeamento Urbano

Após a exposição mundial de 1893 em Chicago, e resultante da salvaguarda de algumas das exposições, nasceu um novo conceito de museu–exposição: um museu que tentava explicar o mundo contemporâneo⁸. Este era o tipo de museu que Geddes queria desenvolver: dedicado à evolução social, juntando arte e ciência (Ruskin e Le Play), e sintetizando o conhecimento moderno. Geddes começou a aspirar à construção de um Museu de Índices, o que o levou a estudar as possibilidades de unir o projecto do Globo de Reclus com a sua *Outlook Tower*. À medida que a exposição mundial de Paris de 1900 se aproximava, Geddes alargava as suas esperanças de obter financiamento para estes projectos. No entanto o Globo nunca se construiu, e a presença de Geddes em Paris circunscreveu-se à organização de uma “Summer School”, que lhe permitiu estabelecer inúmeros contactos internacionais. Inteligentemente utilizou a exposição como uma ferramenta educacional e durante os três meses de duração do evento organizou cerca de 800 aulas, com audiências de 40 a 50 pessoas (Meller, 1990). Geddes mostrava a economia moderna, história social, sociologia, geografia, antropologia e psicologia social como disciplinas académicas, e realçava as interdisciplinaridades existentes.

A ideia de Geddes da morfologia das cidades resultou na realização da *Cities and Town Planning Exhibition*, exposta pela primeira vez em Chelsea, em 1911, e que resultou da vasta colecção de mapas, vistas, plantas, esboços, fotografias e outras imagens de Edimburgo que Geddes acumulou na *Outlook Tower* desde 1892. Dois anos mais tarde montou a exposição em Gante, na Bélgica, como parte da Exposição Internacional, e recebeu um *Grand Prix*. Desde esta altura, esta exposição viajou para onde Geddes ia, tendo-lhe trazido grandes sucessos. A ideia de Geddes era a de promover o estabelecimento de Museus Cívicos em diversas cidades. Neste processo, introduziu no movimento de planeamento urbano um fôlego de visão assente num levantamento exaustivo prévio ao planeamento, numa actividade que, nas mãos de arquitectos e engenheiros ameaçava ficar-se pelo simples ordenamento do ambiente físico.

Os cerca de 35 anos de trabalho a compilar material para a sua exposição das cidades e planeamento foram perdidos, quando, ao largo de Minicoy, no Oceano Índico, o barco em que era transportada a exposição foi afundado por acção inimiga. Com apoios diversos, Geddes elaborou uma segunda exposição a partir de novo material enviado de Inglaterra.

⁸ Wilson, um botânico americano, reuniu os fundos necessários para montar uma exposição em Filadélfia, dividida em três partes: museu, laboratório e área de informação.

Geddes na Índia

Após uma passagem pela Irlanda, sobretudo por Dublin, onde trabalhou com Unwin⁹, e que lhe valeu estabelecer uma posição sólida no movimento de planeamento urbano britânico, Geddes recebeu diversos convites para levar a sua Exposição das Cidades e Planeamento Urbano a África do Sul e aos Estados Unidos. No entanto, por razões financeiras e pessoais, Geddes decidiu rumar para a Índia, onde tinha também sido convidado pelo governador de Madras (Meller, 1990). Durante a década seguinte, Geddes encontrou trabalho não só na Índia, mas também, entre 1919 e 1925, na Palestina.

Geddes visitou a Índia quatro vezes entre 1914 e 1924, ficando durante dois anos e meio, entre 1916 e 1919. Durante este período o seu trabalho educacional e de propaganda foi largamente suplantado pelo trabalho prático de planeamento. Ao ir para a Índia no início da primeira guerra, Geddes afastava-se do *mainstream* do planeamento urbano moderno, que se concentrava no fenómeno da rápida urbanização do ocidente. Geddes realizou relatórios de planeamento urbano em Indore, Balrampur, Baroda, Conjeevaram, Lahore, Lucknow, Nagpur e Pinjaur. Contribuiu significativamente para o renascimento, ou pelos menos para um crescente interesse pelo património, cultura e tradições indígenas, nomeadamente em relação às cidades templo, e à necessidade de recuperar os estragos causados pelo domínio cultural britânico.

Em 1918, foi nomeado professor de Sociologia na Universidade de Bombaim, tendo assim a oportunidade de introduzir as Ciências Sociais na Índia, sobretudo os estudos comparados de Sociologia, analisando as instituições sociais num contexto de raça, religião e cultura. Por várias razões – a fadiga de quatro anos de trabalho na Índia e a morte do filho e da esposa – Geddes não atingiu este propósito, tendo o seu maior contributo na Índia sido especialmente na área do planeamento e especialmente nos relatórios que produziu. Estes procuram uma identidade regional, um ambiente construído que incorpore a sua forma e história e o florescer consciente da diversidade cultural.

⁹ Trabalharam essencialmente com o colocar em prática as ideias de cirurgia de conservação, a construção de subúrbios e de “garden city lines”. Infelizmente o início da guerra e o *Easter Rising* de 1916 deitaram por terra muitos dos projectos realizados.

A herança de Geddes

O legado de Geddes em Inglaterra constituiu inspiração para poucos indivíduos, sobretudo pessoas ligadas ao *Town Planning Institute* e à *Le Play House*. No entanto, a grande influência e mesmo sobrevivência da sua obra deu-se através do trabalho de um jovem americano, Lewis Mumford, que em 1915 (aos 18 anos) encontrou o *Relatório Dunfermline*, de 1904, tendo ficado apaixonadamente interessado pelo desenvolvimento das cidades (Meller, 1990). Durante cerca de 17 anos, Geddes e Mumford trocaram correspondência (ver Novak, 1995), sendo que só se encontraram em 1923, durante uma série de conferências que Geddes realizou nos Estados Unidos. O que ambos partilhavam era a ideia da necessidade de uma abordagem holística e evolucionária da cidade na região.

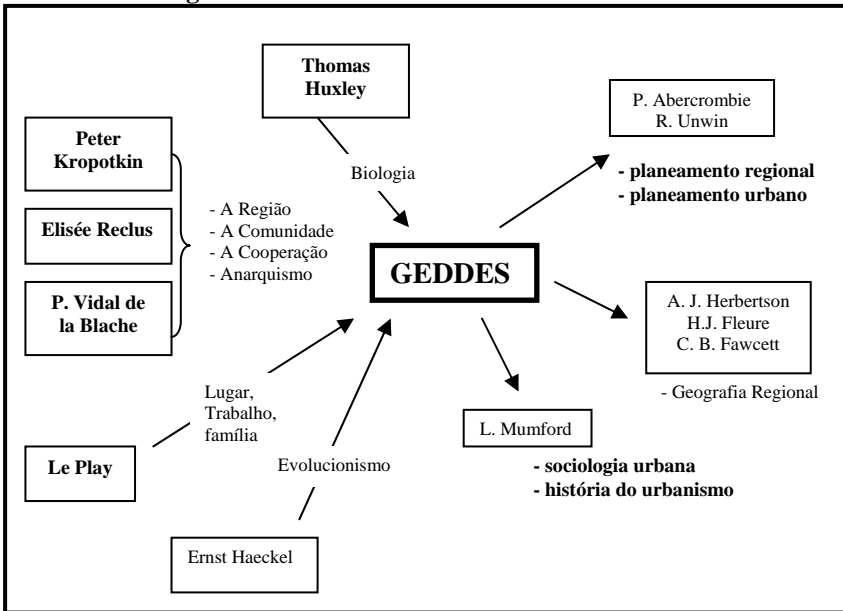
Os encontros e troca de correspondência de Geddes com Mumford, influenciaram indirectamente um grupo restrito de planeadores de Nova Iorque, que foi coordenado por Mumford, e que levou à fundação da *Regional Planning Association of América*, que teve um papel importante na oposição ao Plano Director Regional de Nova Iorque e ao plano para Chicago de Daniel Burnham. Quando Mumford convenceu Geddes a visitar os Estados Unidos, procurava apoio para a recém criada associação, Geddes, no entanto, procurava um colaborador no ocidente, com tempo para o ajudar.

Nas obras de Mumford *The Culture of Cities* (1938), que na altura se tornou uma Bíblia do movimento de planeamento regional, e *The City in History* (1961), nota-se claramente a influência de Geddes, especialmente pela forma como este estrutura a análise do passado, do presente e do futuro das cidades, pela forma como usa a terminologia das idades “paleotécnicas” e “neotécnicas” e o desenvolvimento das “conurbações”. A linguagem emotiva característica de Geddes no estudo da natureza cíclica do crescimento urbano – de “acrópolis a necrópolis”, resultante do seu amor pela cultura Grega foi distintamente herdado.

Apesar de Mumford ter sido o grande responsável pela organização e continuação das ideias e conceitos de Geddes, o escocês influenciou significativamente três geógrafos britânicos: Andrew J. Herbertson (1865-1915), Herbert John Fleure (1877-1969) e C. B. Fawcett, para além dos planeadores Patrick Abercrombie (1879-1957) e Raymond Unwin, responsáveis pela continuidade da ideia de “survey before planning”¹⁰.

¹⁰ À primeira vista não é detectável que Geddes tenha influenciado directamente qualquer geógrafo português do seu tempo, apesar de Silva Telles e Orlando Ribeiro citarem Herbertson e Fleure em diversos trabalhos. A confirmação desta ideia necessita claramente de uma investigação mais aprofundada.

Figura 6 Enredo de Influências em Patrick Geddes



Herbertson, que sucedeu a Halford J. Mackinder (1861-1947) em Oxford como leitor em Geografia em 1905, desenvolveu trabalhos sobre a divisão regional natural do mundo. Os seus trabalhos iniciais eram naturalistas e determinísticos, debruçando-se sobre uma geografia regional das raças, na qual o clima tinha um papel preponderante. A sua obra foi-se progressivamente afastando deste reducionismo material, para destacar de forma holística as ligações materiais e afectivas entre o “homem” e o “meio”. O seu comprometimento com a complexidade da evolução social denota os seus laços estreitos a Geddes: “The geographer is no more confined to materialistic considerations than the historian. There is a genius loci as well as a Zeitgeist – a spirit of place as well as of time...the geographer has to consider both in trying to understand the present regional consciousness.” (Herbertson, 1915, p.153)

Fleure, que passou a maior parte da sua carreira em Aberystwyth, no País de Gales (começando na Geologia, passando pela Zoologia e terminando na Geografia e Antropologia – cátedra em 1917), nunca simpatizou com a ideia do determinismo, dirigindo a sua atenção para a experiência humana na geografia através da concepção das regiões como produtos da energia humana bem como do suporte físico, escrevendo sobre

as regiões com dificuldades, com privações, de nomadismo, etc. (Agnew, Livingstone e Rodgers, 1996).

Fawcett, preocupou-se com questões ligadas à política regional e ao conhecimento local. Defendia, seguindo Geddes, os registos e observações locais, e a pesquisa regional sistemática, que são absolutamente necessárias para um conhecimento do país e do mundo, e para a cidadania. Fawcett, de forma geddesiana, argumentava que se a região quotidiana pode parecer inerte a um aluno, os levantamentos e pesquisas de campo servem como “o respirar de inspiração que faz com que os ossos secos vivam” (Barnard, 1935 in Matless, 1992). A sua obra mais conhecida *The Provinces of England* (1917), publicada pela série “Making of the Futures” de Geddes e Branford, desenvolve um esquema para a divisão regional de Inglaterra em regiões naturais.

A grande influência que Geddes teve em Abercrombie resultou de uma combinação das metodologias de Geddes – levantamentos minuciosos da evolução histórica, seguidos por uma análise sistemática dos problemas e pela produção de plano – e da sua ideia de cidade-região¹¹, com a visão de Howard referente à descentralização de milhares de pessoas de uma cidade mundial congestionada para novas comunidades planeadas – unidades auto-suficientes para viver e trabalhar. O resultado foi o Plano para a Grande Londres de 1944, preparado a pedido do governo britânico, um plano para o desenvolvimento futuro de uma grande região, centrada numa metrópole e estendendo-se por cerca de 50 quilómetros, englobando aproximadamente 10 milhões de pessoas.

Nota Conclusiva

Patrick Geddes, biólogo evolucionista, excêntrico e enigmático, cujos textos ricos e frequentemente repletos de voos retóricos impenetráveis, abordou o planeamento e o território de forma orgânica. Como evolucionista, estava bem consciente de como os lugares influenciam as pessoas e vice-versa. Ao longo da sua vida e trabalho, Geddes pretendeu definir as leis de causa e efeito que governam as cidades, elegendo a pólis Grega como modelo a seguir, o acto de observar como método de atingir o conhecimento, e a criação de padrões visuais como instrumento para a transformação deste conhecimento em teoria. Em traços muito gerais, Geddes definiu três temas sobre os quais construiu a sua teoria: a cidade e a região, a história, e a espiritualidade. Estes temas, mais do que invenções de

¹¹ O esmiuçar da tríade lugar, trabalho e família revelaria, segundo Abercrombie, a “Grande Geografia” (Abercrombie, 1933, pp.133-136 em Matless, 1992).

Geddes, são respostas às circunstâncias do seu tempo. Ao longo das suas obras verifica-se o carácter repetitivo das suas assunções sobre a cidade – a acrópole cultural, o museu histórico, o jardim zoológico modelado através da secção de vale, as propostas de aplicação da cirurgia conservativa – que nem o cunho idiossincrático e frequentemente obscuro consegue dissimular.

Durante o tempo em que Geddes esteve em Roscoff, teve sucesso em demonstrar que a clorofila não só se encontra em plantas mas também em certas formas simples de vida animal, que, tal como as plantas, existem através da fotossíntese (Welter, 2002). Passados mais de 50 anos, em 1931, Geddes publicou o seu último livro, *Life: Outlines of General Biology*, escrito juntamente com Arthur Thompson, que ilustra a sua preocupação pelas relações biológicas entre as formas de vida e o ambiente. Sob esta perspectiva, o interesse de Geddes pelas cidades vai muito para além da revelada pelos esforços filantrópicos para encontrar soluções para a miséria das cidades que caracterizam o século XIX. Para Geddes, a cidade não só é a mais distinta forma de vida humana, mas é a forma a que a vida humana deve aspirar, especialmente nas suas dimensões de cooperação e de vida comunitária.

Bibliografia de Patrick Geddes por ordem cronológica

Apesar de ser um “quase desconhecido” na Geografia portuguesa, Patrick Geddes tem despertado um interesse científico internacional muito grande, existindo uma vasta bibliografia sobre a sua vida e obra (em que se incluem várias teses de doutoramento específicas sobre Geddes - Universidades de Montpellier, Strathclyde, Columbia, St. Andrews, Tóquio e Gotemburgo - que é impraticável listar aqui (ver para o efeito Meller, 1990 e Welter, 2002). Dentro destas obras, os arquivos principais da coleção da obra de Geddes são: *The Geddes Papers*, National Library of Scotland; *The Geddes Papers*, University of Strathclyde; *The Brandford Papers*, University of Keele; *The Geddes Collection*, Rutgers University Library, EUA; *Geddes Papers*, Central Zionist Archives, Jerusalém. Optei por fornecer uma lista incompleta de referências da obra de Patrick Geddes, incluindo o que me parece ser uma amostra abrangente e representativa da diversidade das obras deste autor.

- (1879); “Chlorophylle animale et la physiologie des planaires vertes”; *Archives de Zoologie expérimentale et générale*; Paris
- (1886); “On the Condition of Progress of the Capitalist and the Labourer”; *The Claims of Labour*; Co-operative Printing Co.; Edimburgo

- (1889); juntamente com THOMSON J.A; *The evolution of sex*; Walter Scott; Londres
- (1904); *City Development: a study of parks, gardens and culture-institutes*; Geddes & Co.; Edimburgo [Relatório para Carnegie Trustees sobre o Desenvolvimento de Dunfermline]
- (1905a); “A Great Geographer: Elisée Reclus, 1830-1905”; *Scottish Geographical Magazine*; XXI
- (1905b); Civics as Applied Sociology; *Sociological Papers*; 1; pp. 101-104; Londres
- (1906); “A Suggested Plan for a Civic Museum (or Civic Exhibition) and its Associated Studies”; *Sociological Papers*; Londres
- (1909); “City Deterioration and the Need of City Survey”; *Annals of the American Academy of Political and Social Science*; Julho
- (1907); *Cities; Being and Introduction to the Study of Civics*; University of London Extension Lectures Syllabus; Londres
- (1911); *The Civic Survey of Edinburgh*; Edinburgh
- (1911); juntamente com MEARS, F, C; *Cities and Town Planning Exhibition*; Guidebook and Outline Catalog; Belfast
- (1912); “The twofold Aspect of the Industrial Age: Palaeotechnic and Neotechnic”; *Town Planning Review*; 31; pp.176-187
- (1915); *Cities in Evolution*; Williams and Norgate; Londres
- (1917a); *Town Planning in Lahore: A Report to the Municipal County*; Commercial Printing Works (reimpresso em 1965 com o título *Urban Improvements: A Strategy for Urban Works*; Government of Pakistan, Planning Commission, Physical and Planning and Town Planning Section]
- (1917b); *Report on Town Planning*, Dacca; Bengal Secretariat Book Depot.; Calcutá
- (1917c); *Town Planning in Balrampur: a Report to the Hon'ble the Maharaja Bahadur*; Murray's Printing Press; Lucknow
- (1917d); juntamente com BRANFORD, V; *The coming polity*; Williams and Norgate; Londres
- (1917e); juntamente com SLATER, G; *Ideas at War*; Londres
- (1918); *Town Planning Toward City Development, a Report to the Dunbar of Indore*; 2 Vols.; Holkore State Printing Press; Indore
- (1922); *Town Planning in Patiala State and City*; Lucknow
- (1923); Dramatisations of history; *Sociological publications*; Londres
- (1925a); “A Schoolboy's Bag and a City Pageant”; *Survey*; 53; pp.525-529, 553
- (1925b); “Cities, and the Soils they grow from”; *Survey*; 54; pp.40-44
- (1925c); Our City of Thought”; *Survey*; 54; pp.487-490, 504-507

- (1925d); “Tales from My Outlook Tower”; In *Survey Graphic*; Fevereiro e Abril
- (1925e); “The Education of two Boys”; *Survey*; 54; pp.571-575, 587-591
- (1925f); “The Valley in the Town”; *Survey*; 54; pp.487-490, 504-507
- (1925g); “The Valley Plan of Civilization”; *Survey*; 54; pp.288-290, 322-325
- (1930); “Scouting and woodcraft – present and possible”; *Sociological Review*; 22; pp.274-277
- (1931); juntamente com THOMSON J.A. *Life: Outlines of General Biology*; Williams and Norgate; Londres
- (s.d.) *Country and Town in Development, Deterioration, and Renewal*; University of London Extension Lectures Syllabus; Londres [C. 1909-1910]

Bibliografia usada no artigo

- AGNEW, JOHN; LIVINGSTONE, DAVID N.; RODGERS, ALISDAIR (1996)(Eds.); *Human Geography. An Essential Anthology*; Blackwell; Oxford
- BOARDMAN, PHILIP (1944) *Patrick Geddes: Maker of the Future*. The University of North Carolina Press: Chapel Hill.
- BOARDMAN, PHILIP (1978) *The Worlds of Patrick Geddes*. Routledge and Kegan Paul
- HALL, PETER (1998); *Cities of Tomorrow*, Blackwell; Oxford
- HERBERTSON, A, J (1915); “Regional Environment, Heredity and Consciousness” *The Geography Teacher*; 43; pp.147-153
- JOHNSTON, R, J (1994); “Le Play Society” In Johnston, R, J; Gregory, D; Smith, D. M (Eds.) *The Dictionary of Human Geography*; 3ª Ed.; Blackwell; Oxford
- KITCHEN, PADDY (1975) “A Most Unsettling Person: The Life and Ideas of Patrick Geddes. Founding Father of City Planning and Environmentalism”. *Saturday Review Press*
- MATLESS, DAVID (1992); “Regional Surveys and local knowledges: the geographical imagination in Britain, 1918-39”; *Transactions of the Institute of British Geographers*; 17; pp.466-480
- MELLER, HELEN (1990) *Patrick Geddes: Social Evolutionist and City Planner*. Routledge: New York
- NOVAK, FRANK G., Jr, (Ed.) (1995) *Lewis Mumford and Patrick Geddes: The Correspondence*; Routledge, Londres
- WELTER, VOLKER M. (2002) *Biopolis: Patrick Geddes and the City of Life*, The MIT Press, 355 p.

“GEO-WORKING PAPERS” – NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Os “GEO-Working papers” encontram-se abertos à colaboração científica no domínio da Geografia e disciplinas afins.
2. Os “GEO-Working papers” são constituídos por duas séries: Série Investigação e Série Educação.
3. Os “GEO-Working papers” publicam artigos em português, francês, inglês e espanhol.
4. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.
5. Os originais submetidos serão apreciados pela comissão editorial, que pode recorrer a especialistas das áreas científicas a que os textos se referem, reservando o direito de aceitação dos mesmos.
6. É aos autores que cabe obter autorização para reproduzir material sujeito a direitos de autor.
7. Os “GEO-Working papers” são publicados em papel, estando, simultaneamente, disponíveis on-line.
8. Os artigos devem apresentar uma dimensão entre 10 e 20 páginas A4, incluindo a bibliografia e as figuras e quadros.
9. Normas para a apresentação de originais:
 - 9.1. Dos originais submetidos a apreciação, deverão ser enviadas 1 cópia em papel, a 1,5 espaços, corpo 12 e com margens de 2,5 centímetros e uma cópia em formato digital. Deverá constar juntamente um resumo que contenha o essencial do artigo (cerca de 700 caracteres para o resumo na língua do artigo e 2000 caracteres para o resumo noutra língua - português, inglês ou francês), além de palavras-chave nas duas línguas.
 - 9.2. Os originais devem conter, em nota de rodapé na 1ª página, o endereço profissional do(s) autor(es), o cargo e instituição a que pertence(m), número de telefone, fax e e-mail.

10. Normas para a bibliografia:

10.1. Na bibliografia devem estar presentes todas as referências citadas no texto e somente estas. As referências bibliográficas deverão ser elaboradas em função dos modelos seguintes:

BURROUGS, B. (1999) – Development and urban growth, *in* D. Peters (ed.), *Unequal partners*, AAST Press, London.

ROGERS, A.; TAYLOR, N.; GOLDSMITH, G. (1998) – *The politics of rural environments*, Hutchinson, London.

SARAIVA, A.; PIRES, J.; MOREIRA, V. (2002) – Recomendações para a proteção e estabilização dos cursos de água, *Revista da Faculdade de Ciências*, 21(2), Lisboa: 187-222.

10.2. O apelido dos autores citados no texto deverá ser escrito em maiúsculas, sem sublinhado, seguido do ano de publicação. Quando forem citados em bibliografia dois ou mais autores com o mesmo apelido, dever-se-ão incluir as iniciais do primeiro nome. Se existirem mais de dois autores, citar-se-á só o primeiro seguido de *et al.*

11. Os autores dos artigos receberão 5 cópias do “GEO-Working papers”.

Envio de correspondência para:

GEO-Working papers

Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Campus de Azurém

4810 Guimarães

tel. 351-253-510560

fax 351-253-510569

e-mail: geowp@geografia.uminho.pt

j.sarmento@geografia.uminho.pt

vieira@geografia.uminho.pt